



filantropia
comunitária
no brasil:
princípios,
práticas e
experiências

comuá rede comuá
filantropia que
transforma

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

F478

Filantropia comunitária no Brasil: princípios, práticas e experiências / Organização de Rede Comuá. – Rio de Janeiro: Rede Comuá, 2024.

68 p.; 21 X 29,7 cm

ISBN 978-65-984162-2-5

1. Filantropia. I. Rede Comuá (Organização). II. Título.

CDD 366.9

Índice para catálogo sistemático

I. Filantropia

Todo o material desta publicação está sob licença Creative Commons CCBT 4.0, podendo ser reproduzido sem autorização prévia da Rede Comuá, desde que citando a fonte original, inclusive autor do texto ou foto quando for o caso. Para obras derivadas, deve-se licenciá-las também em CCBT 4.0.

sumário

- 05** Apresentação
- 09** 1. Trajetória e contexto desta publicação
- 15** 2. Filantropia Comunitária e investimento social privado hoje no Brasil
- 21** 3. Princípios que orientam as práticas da filantropia comunitária no Brasil
- 28** 4. Experiências e iniciativas de filantropia comunitária no Brasil
 - 29** Engaja Serra
 - 36** Fundo Agbara
 - 41** Fundo de Impacto para a Justiça Social
 - 46** Aliança entre Fundos
 - 50** Aliança Territorial
- 56** 5. Como o ISP pode fortalecer a filantropia comunitária
- 61** 6. Referências
- 64** 7. Ficha técnica



agradecimentos:

Agradecemos a todas as organizações que estiveram conosco e nos apoiaram na construção desta publicação, em especial aquelas que se disponibilizaram a nos ajudar nesse processo, participando de entrevistas, conexões e eventos presenciais: Fundação ArcelorMittal, Instituto Cooperforte, Instituto Ibirapitanga, Fundação Tide Setubal, Instituto Vedacit, Tabôa Fortalecimento Comunitário, ICOM, Fundo Brasil, Fundo Casa Socioambiental, Fundo Agbara, Fundo Baobá, Brazil Foundation, Fundação Ford, Instituto ACP, Instituto Arapyaú, Fundação José Luiz Egidio Setubal, Instituto C&A, Instituto Betty e Jacob Lafer, Fundação FEAC, Instituto Votorantim, Instituto Jatobás, Open Society Foundation, Porticus, GIFE, Consórcio Dialógica e Oliva e ponteAponte.





apresentação

Jenny Hodgson,
*diretora executiva do
Global Fund for Community
Foundations (GFCF)*

Em 2016, durante a primeira Cúpula Mundial de Filantropia Comunitária em Joanesburgo, África do Sul, um artista foi contratado para captar e ilustrar algumas das principais ideias que surgiram nesse evento inovador de âmbito mundial. A Cúpula foi um momento marcante para a filantropia comunitária, enquanto discurso e também como um conjunto de práticas de desenvolvimento viáveis, que se baseiam em tradições e culturas consolidadas de doação e mutualidade e, ao mesmo tempo, propõem uma alternativa para o paradigma atual de ajuda ao desenvolvimento e filantropia de cima para baixo. Também foi em Joanesburgo que nasceu o [movimento #ShiftThePower](#).

Uma das ilustrações criadas durante a Cúpula mostrava três tipos de filantropia. O primeiro retrata a “Filantropia PARA a base” (representada por sacos de dinheiro sendo jogados, aparentemente de forma aleatória, sobre as comunidades, de cima para baixo, exemplificando as práticas de muitos doadores). O segundo, um homem de terno sentado em um círculo com membros de uma comunidade: essa imagem foi chamada de “Filantropia COM as bases”. Essa imagem refletia o interesse crescente nas doações participativas como metodologia, pela qual os financiadores poderiam incluir pessoas com experiências vividas de preconceito, injustiça, exclusão etc. na tomada de decisões sobre financiamento. O terceiro tipo, chamado de “Filantropia POR e A PARTIR da base”, mostrava membros da comunidade reunidos em torno de um “pote” ao qual haviam contribuído seus recursos combinados. Não havia, nessa imagem, nenhum financiador externo visível.

Durante muito tempo ignorou-se o fato de as comunidades terem recursos, tanto financeiros quanto não finan-

ceiros (na forma de confiança, relacionamentos, experiência, conhecimento do local etc.) e, infelizmente, isso continua a acontecer hoje com muita frequência. Ainda é muito comum os financiadores (dos setores público e privado) acreditarem que, por terem dinheiro, têm o poder e o conhecimento para tratar desafios sociais complexos. Trata-se do paradigma da “Filantropia PARA a base”. Porém, em todo o mundo, uma nova história está começando a ser contada. É a história da “Filantropia COM” e da “Filantropia POR E DE”.

Nos últimos anos, a Rede Comuá e seus membros vêm desempenhando um papel fundamental, no Brasil e no mundo, na promoção de um tipo diferente de filantropia, moldado por valores fundamentais de dignidade, equidade e justiça, e cujas origens residem nas comunidades mais marginalizadas, oprimidas e remotas, tanto quanto derivam da riqueza financeira.

Esta publicação representa uma contribuição importante para um corpo de trabalho em franco crescimento no mundo, que insiste no poder da filantropia – tanto horizontal quanto vertical – para a transferência e a construção de poder e a reafirmação da representação e da voz das comunidades que tiveram as suas vozes historicamente caladas. No centro dessa nova história está um novo tipo de organização de “filantropia comunitária”, seja ela territorial ou baseada em temas ou identidades, que tem como função navegar de forma deliberada entre os diferenciais de poder, aproximar as diversas partes interessadas em relações de confiança, criar canais pelos quais os recursos externos possam fluir para as comunidades (de forma a aproveitar o que já existe), e que esteja próxima e profundamente conectada às comunidades que atende, às quais lhe cabe prestar contas.



Ilustração resultante da primeira Cúpula Mundial de Filantropia Comunitária, realizada em Joanesburgo, África do Sul, em 2016.

Philanthropy TO the grassroots = Filantropia PARA a base

Money = Dinheiro

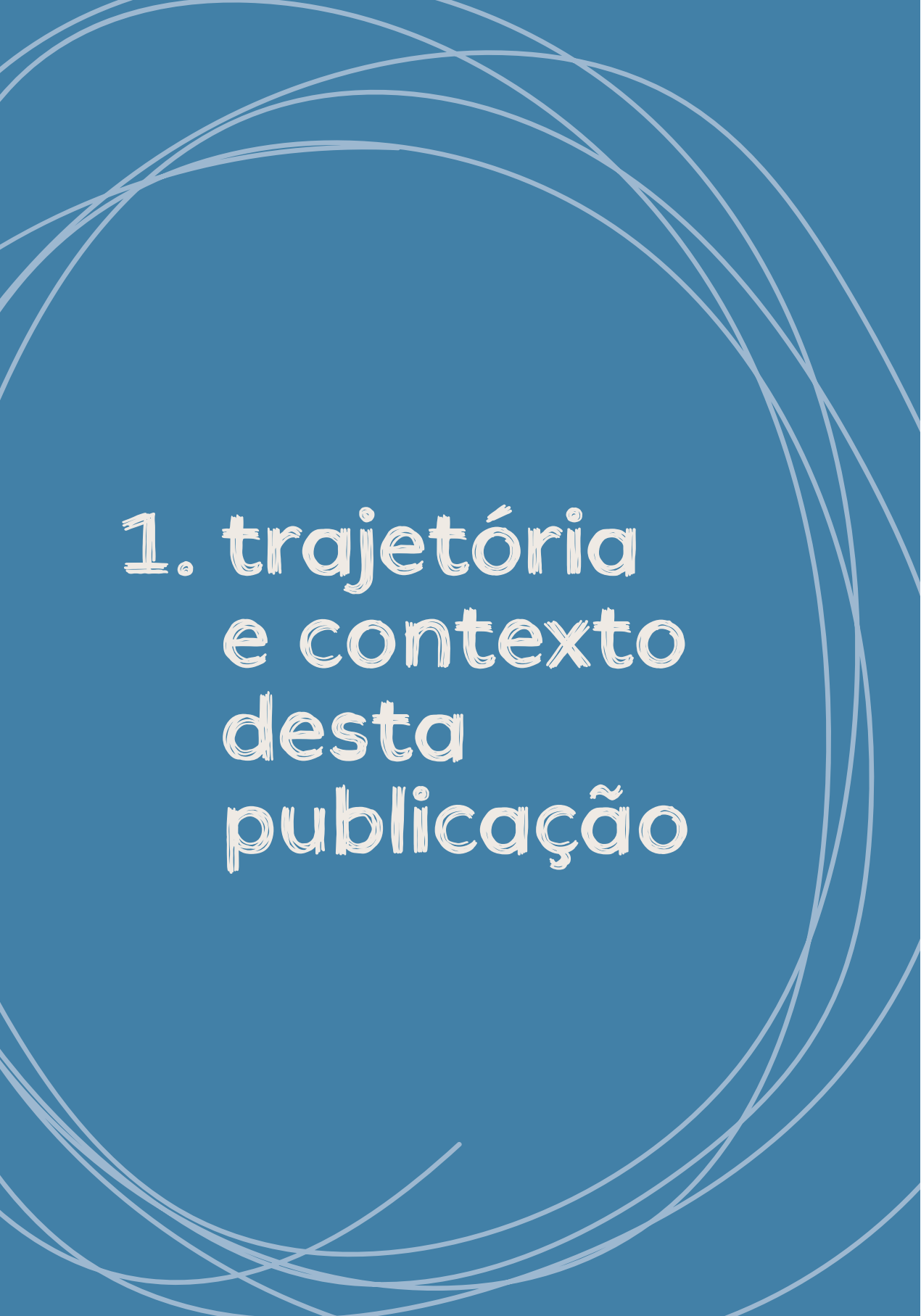
External donor = Doador externo

Power & Private Elite = Poder e a Elite Privada

Philanthropy WITH the grassroots = Filantropia COM a base

Philanthropy BY & FROM the grassroots = Filantropia PELA base e DA base

Community resources = Recursos da Comunidade



1. trajetória e contexto desta publicação

Esta publicação, elaborada em parceria com a ponteAponte, é resultado de um conjunto de iniciativas que vêm sendo desenvolvidas pela Rede Comuá nos últimos anos, envolvendo parceiros como GFCF (*Global Fund for Community Foundations*), PSJP (*Philanthropy for Social Justice and Peace*), movimento #ShiftThePower, IAF (*Inter-American Foundation*), WINGS, GIFE (Grupo de Institutos Fundações e Empresas), Movimento Bem Maior, Iniciativa PIPA, entre outros, no sentido de articular trocas, produção de conhecimento e sistematizações relacionadas à compreensão de conceitos e práticas da filantropia comunitária no Brasil e no mundo.

Como parte dessa jornada, em 2018, a Rede Comuá iniciou uma parceria com o GIFE e o GFCF, com a finalidade de promover um conjunto de encontros para debater a temática da filantropia comunitária junto a doadores. O objetivo foi fomentar a troca de experiências, o engajamento e a sensibilização de novos atores que atuam no campo da filantropia e do ISP.¹

No ano seguinte, dando continuidade à parceria, a Comuá organizou o seminário “Expandindo e Fortalecendo a Filantropia Comunitária no Brasil”, com a seguinte pergunta norteadora: “Como a filantropia comunitária pode contribuir com o desenvolvimento sustentável no Brasil e promover mudanças duradouras?”² Parte dos debates travados ao longo do seminário se apoiou em pesquisas que estavam sendo produzidas naquele momento no país acerca da temática, quando o conceito ainda era pouco explorado e conhecido pelo ecossistema filantrópico e por organizações da sociedade civil em geral.

¹ Fonte: <https://gife.org.br/filantropia-comunitaria-uma-estrategia-de-atuacao-com-os-territorios-nao-para-eles/>

² Fonte: <https://gife.org.br/seminario-aborda-diferentes-formas-de-filantropia-comunitaria-no-brasil/>

Em 2019, foi lançada a publicação [Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil](#) (reeditada em 2021 no âmbito do **selo Doar para Transformar**) que, a partir de uma perspectiva histórico material, trouxe um primeiro diagnóstico sobre o tema, partindo do pressuposto de que a filantropia comunitária deve ser entendida como um campo em permanente construção, como forma de atuação na realidade social a partir do desenvolvimento de iniciativas e articulações com diversos atores e dinâmicas, sem a imposição de soluções “de cima para baixo”. Fortalecendo o poder das comunidades em busca de soluções próprias para os problemas existentes e na construção do bem comum.

A publicação ressaltou a tese de que não existe uma definição unívoca sobre o conceito de filantropia comunitária já que, por se tratar de um **conceito material, construído com base nas práticas**, também adquire características específicas de acordo com cada contexto social. No Brasil, existe uma diversidade de atores no campo da filantropia comunitária, como fundações comunitárias (que não necessariamente se enquadram no modelo americano), fundos temáticos e comunitários, e por essa razão avançamos na noção da tropicalização do conceito.

Em 2022, a Comuá iniciou um processo de mapeamento de organizações doadoras independentes para a sociedade civil. Realizado em parceria com a ponteA-ponte, o processo resultou em uma publicação disponibilizada ao público em 2023: [Filantropia que transforma: mapeamento de organizações independentes doadoras para sociedade civil nas áreas de justiça socioambiental e desenvolvimento comunitário no Brasil](#). O trabalho traz um levantamento inédito de organizações que atuam

nesse campo, indicando que as práticas de filantropia comunitária estão presentes e são expressivas no país, e que ao mesmo tempo podem ser lidas como um movimento que busca mudar relações de poder ao apoiar organizações que atuam nessas agendas.

No ano de 2022, foi lançado pelo GIFE um conteúdo específico sobre *Filantropia Comunitária e estratégia de resistência e auxílio no Brasil desde o século XIX*³ que buscou abordar a trajetória de atuação da filantropia comunitária no Brasil.

No mesmo ano, a Rede Comuá, dando continuidade a essas reflexões e construções coletivas sobre o tema, promoveu um processo de aprofundamento de visões junto a organizações do investimento social privado (ISP) e da filantropia independente de justiça socioambiental sobre desafios e oportunidades para o fomento dessas práticas, destacando-as como um caminho possível e transformador para o desenvolvimento de ações de *grantmaking*⁴, e dando um passo além ao sistematizar as práticas da filantropia comunitária e demonstrar sua aplicação a partir de casos concretos.

O processo, que resultou nesta publicação, envolveu o trabalho de uma consultoria⁵ focada em apresentar caminhos assertivos para o fortalecimento da filantropia comunitária no contexto do ISP.

Esse processo foi desenvolvido em cinco etapas:

³ Fonte: <https://gife.org.br/especial-redegife-filantropia-comunitaria-e-estrategia-de-resistencia-e-auxilio-no-brasil-desde-o-seculo-xix/>

⁴ *Grantmaking* consiste no repasse de recursos financeiros (grants), de forma estruturada, para organizações ou iniciativas de interesse público, diferenciando-se, assim, da operacionalização de projetos próprios.
Fonte: https://bit.ly/definicao_grantmaking

⁵ Consórcio Dialógica e Oliva

1. análise de dados e pesquisa bibliográfica sobre o tema, buscando uma linha base sobre entendimentos dos conceitos de filantropia comunitária no Brasil;
2. escuta de atores chave do ecossistema filantrópico para complementação da etapa diagnóstica, buscando identificar temas chave para serem debatidos de forma coletiva, resultando na sistematização de práticas mais comuns entre fundos e organizações que atuam no campo no país;
3. realização de encontro online com atores do campo para apresentar e aprofundar o diagnóstico realizado a partir das duas primeiras etapas, por meio de trocas e interações entre as organizações participantes;
4. encontro presencial com atores chave para compartilhar o conteúdo sistematizado até então e avançar na cocriação de uma agenda coletiva de fortalecimento da filantropia comunitária;
5. sistematização dos principais achados desse processo, objeto desta publicação

Para finalizar o trabalho, optou-se por demonstrar as práticas da filantropia comunitária por meio de casos que refletem sua aplicação. O primeiro passo para isso foi **sistematizar as principais práticas desenvolvidas**.

A partir dessa escolha, foi iniciada análise documental de dados secundários acerca dos casos destacados

por meio de um levantamento realizado em sites, relatórios, publicações, dentre outras fontes de materiais⁶.

Para aprofundar o conhecimento sobre algumas iniciativas desenvolvidas no campo da filantropia comunitária, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com representantes de organizações membro da Rede Comuá⁷.

De maneira geral, em todos os casos, buscou-se apresentar o contexto em que a organização ou iniciativa surgiu, como ela atua (destacando as práticas que representa prioritariamente), os resultados alcançados até o momento de elaboração desta publicação, principais desafios encontrados em sua jornada de atuação e os fatores que impulsionaram suas ações.

Assim, essa publicação culmina um processo de construção de possibilidades de adoção de práticas da filantropia comunitária pelo campo, de modo a demonstrar **como essas formas de doar fomentam a transformação social realizada nos territórios.**

“o olhar para o território precisa superar um olhar de carências, e debruçar-se sobre um olhar de fortalecer capacidades existentes”.

Diane Sousa, *presidenta do Instituto Comunitário Baixada Maranhense (ICBM)*

⁶ A publicação foi realizada em parceria com a ponteAponte

⁷ Tabôa – Fortalecimento Comunitário, Fundo Positivo e ICOM (Instituto Comunitário Grande Florianópolis)



2. filantropia comunitária e investimento social privado no brasil

Dado que esta publicação tem como objetivo apresentar práticas, desafios e oportunidades para fomentar reflexões, junto a organizações que atuam no campo do investimento social privado no Brasil, sobre modos de doar e sobre como as práticas da filantropia comunitária e de justiça socioambiental contribuem para a transformação social no país, buscamos analisar os dados do último Censo GIFE para mapear tendências presentes no campo da filantropia corporativa e familiar.

O Censo, que é a maior referência sobre doação no campo do investimento social privado no país – cuja última edição foi lançada em 2023⁸ – traz algumas pistas sobre a relação do ISP com a filantropia comunitária e de justiça socioambiental.

Comparando o resultado do Censo em suas duas últimas edições, relativas aos anos de 2020 a 2022, dez novas organizações independentes, incluindo membros da Rede Comuá, se associaram ao GIFE. Ao observar essa categoria, incluída na pesquisa desde 2014 – início da série histórica – percebe-se um crescimento de mais de 100% desse perfil de investidores na base de associados do GIFE⁹, resultado de seus esforços de atração de atores da filantropia independente ao seu quadro associativo.

Pode-se notar que há uma grande variedade de organizações que integram esse grupo classificado como independente pelo GIFE, incluindo desde instituições de ensino, hospitais filantrópicos, representações de fundações internacionais e até fundos independentes, como

⁸ Acessível em <https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2022-2023>

⁹ Para o GIFE, organizações de filantropia independentes são organizações sem fins lucrativos mantidas geralmente por mais de uma organização ou indivíduo.

membros da Comuá. Os independentes foram ainda o único perfil que apresentou um aumento no volume de valor investido na comparação de dados entre as duas últimas edições do Censo GIFE.

Com exceção do ano de início da pandemia, o volume de doação de recursos a terceiros alcançou o maior patamar das últimas quatro edições: R\$1,8 bilhões. No entanto, esse repasse – que vinha em uma tendência crescente, ainda que modesta, desde 2016 – observou uma queda de R\$1,1 bilhão na comparação com dados de 2020, voltando a ficar abaixo do volume investido em iniciativas próprias (R\$2,1 bilhões). Em valores absolutos, houve um aumento de R\$400 milhões no volume repassado a terceiros, quando olhamos para os números do Censo de 2018 e 2022 (+28%).

Olhando mais especificamente para o investimento em organizações da sociedade civil (OSCs), 64% dos respondentes (88 associados) indicam ter realizado repasse de recursos para OSCs, totalizando 6.792 apoios¹⁰. Já movimentos sociais, coletivos e redes são apoiados por 20% dos respondentes.

Na última edição do Censo, a educação volta a ocupar o primeiro lugar entre focos de atuação do investimento social privado, com 71% dos respondentes atuando nesta agenda. Em segundo lugar, está a inclusão produtiva, empreendedorismo e geração de renda (54%), seguido de uma novidade no top três: desenvolvimento local/territorial/comunitário (50%). Chama atenção a tendência à promoção de agendas mais alinhadas a lógicas de mercado e/ou consideradas menos contenciosas.

¹⁰ Este número não se refere a apoios únicos, isto é, uma mesma OSC pode ser contabilizada mais de uma vez.

Por outro lado, defesa de direitos, cultura de paz e democracia e desenvolvimento institucional de OSCs e movimentos sociais figuram mais abaixo no ranking, com 38% e 36% de respostas, respectivamente. Ao olhar para o volume de investimentos, essa diferença fica ainda mais marcada: o volume das doações em educação corresponde a quase R\$2 bilhões em 2022, enquanto para defesa de direitos, cultura de paz e democracia e desenvolvimento institucional de OSCs e movimentos sociais foram investidos R\$245 milhões e R\$172 milhões, respectivamente.

Já no que se refere a territórios de atuação, áreas de preservação ambiental (13%), comunidades remanescentes de quilombos (10%), terras indígenas (7%) e assentamentos (3%) figuram baixo na agenda de prioridades do investimento social privado, evidenciando o distanciamento de uma parte expressiva das organizações filantrópicas brasileiras de um compromisso e maior envolvimento nas agendas de defesa de direitos de comunidades indígenas e tradicionais.

Aqui vale um contraponto com as informações do [Mapeamento de Organizações Doadoras Independentes](#), realizado pela Rede Comuá em parceria com a ponteAponte e aqui já citado, em que dados indicaram que 74% das instituições mapeadas doam para organizações da sociedade civil e 71% para movimentos e coletivos (formalizados ou não).

Em comum, as doações realizadas por essas organizações filantrópicas independentes são fundamentadas na ideia de que o uso dos recursos e o poder de decisão são de responsabilidade de quem recebe as doações.

Dentre os temas de atuação mapeados, o principal é fortalecimento institucional (74%), seguido de gênero e direitos das mulheres (48%) e cultura (48%). Também se destacam temas relacionados a comunidades, desenvolvimento local e povos tradicionais, como desenvolvimento comunitário (42%), agricultura familiar, agricultura urbana, agroecologia e agrofloresta (39%), e comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e tradicionais (35%).

De forma geral, as organizações da sociedade civil enfrentam dificuldades de acesso a recursos financeiros porque os investimentos público e privado nem sempre são distribuídos de forma inclusiva e flexível para atender a demandas, prioridades e formas próprias de fazer. A independência de atuação é um modo de se distanciar desses arranjos e uma marca do perfil das organizações mapeadas, nas quais os financiadores não interferem no destino dos recursos ou, quando isso ocorre, a participação acontece em igualdade com outros atores e de forma pautada por estruturas de governança estabelecidas pela própria organização.

“um projeto é bem-sucedido e bem aceito se quem o empreende tem conhecimento de como funciona a comunidade e se tem reputação e capital social para implementá-lo. essas duas características são ativos importantes das organizações de base. [...] esse conhecimento deveria ser valorizado e empoderado”.

Roberto Vilela, *diretor executivo da Tabôa - Fortalecimento Comunitário*

A pesquisa “[Periferias e Filantropia – as barreiras de acesso aos recursos no Brasil](#)”, realizada pela Iniciativa PIPA, dialoga com o mapeamento realizado pela Rede Comuá. Foram levantadas mais de mil ações espalhadas pelo país, reunindo 607 respostas de gestores que atuam na linha de frente nas periferias brasileiras para garantir direitos básicos, qualidade de vida e oportunidades para as comunidades.

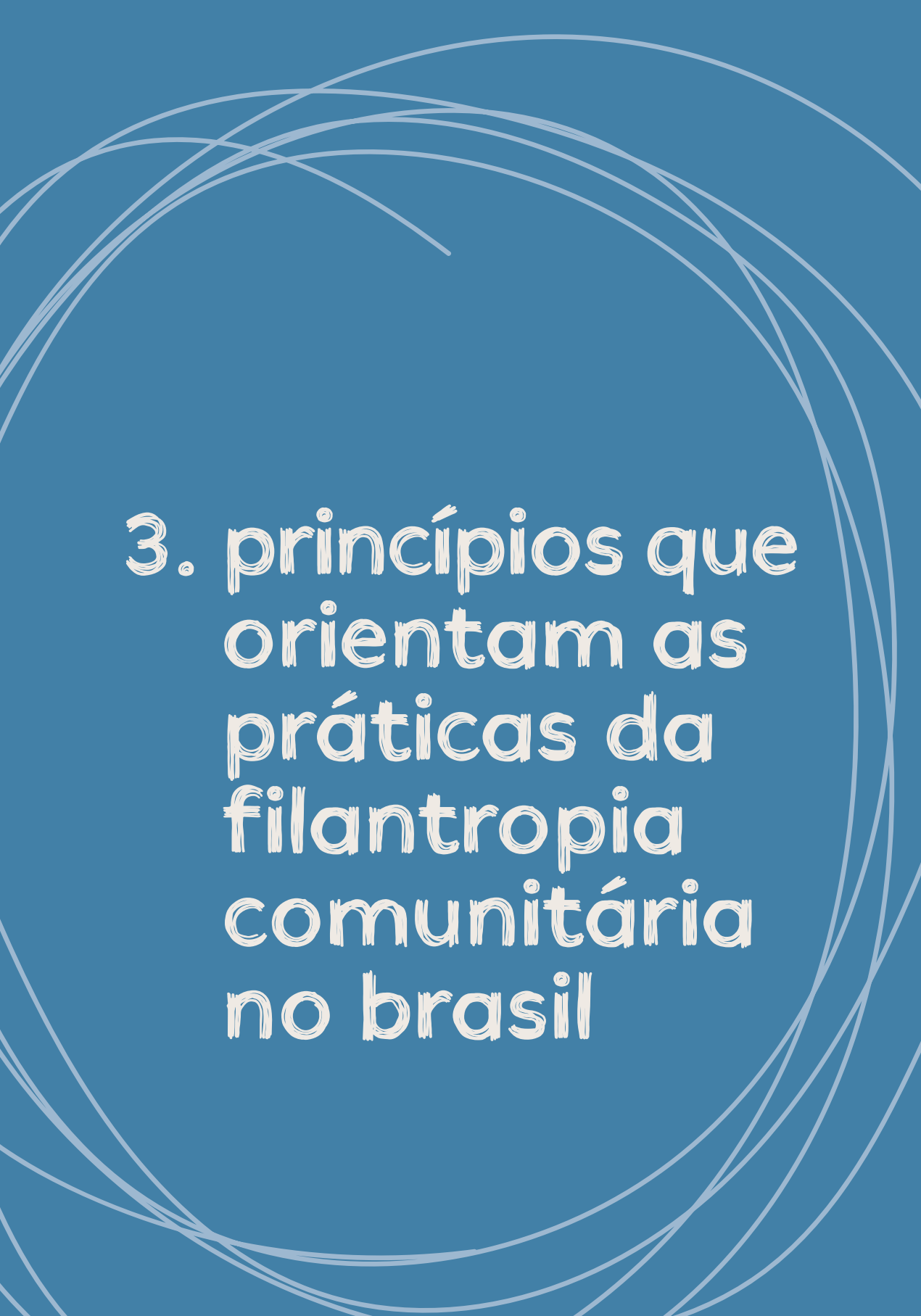
Do universo mapeado, 95% das instituições relataram ter dificuldade de acesso ao financiamento de projetos.

Cerca de 15% dos projetos não possuem nenhum recurso externo. Quase metade das iniciativas pesquisadas, 46%, não obtiveram recursos para realizar suas atividades nos últimos dois anos. E 31% delas trabalhavam com menos de R\$ 5 mil ao ano.

Dentre os desafios encontrados na gestão de seus projetos, 72% das iniciativas responderam necessitar de mais conhecimento de gestão financeira; 56,5% destacam as condições de prestação de contas, demasiadamente burocráticas.

A maioria das organizações (41,8%) são coletivos que, apesar de ativos em seus territórios, não possuem registro oficial/CNPJ.

A pesquisa demonstra também que as principais fontes de financiamento dessas instituições são: editais (32,9%), doações individuais (24,1%) e recursos próprios (23,7%). A participação em editais está vinculada a uma série de etapas como organização de documentos, atualização de portfólios, entre outras, que aumentam o número de barreiras para conseguir financiamento.

The background is a solid blue color with several overlapping, thin white circles of varying sizes and positions, creating a dynamic, abstract pattern. The text is centered and written in a white, hand-drawn, sketchy font.

3. princípios que orientam as práticas da filantropia comunitária no brasil

A partir do processo de levantamento e sistematização de dados e informações sobre filantropia comunitária, à luz do trabalho desenvolvido pelos membros da Rede Comuá e com a contribuição de outras organizações da filantropia brasileira, foi possível mapear as principais práticas que se manifestam, em maior ou menor grau, no fazer de organizações que atuam no campo.

Partindo do pressuposto de que não há uma fórmula única para fazer filantropia comunitária, mas sim práticas adotadas a partir da construção conjunta com organizações e movimentos da sociedade civil, em parceria e acordo com as reais necessidades dos territórios, buscou-se **sistematizar os princípios que orientam as práticas.**

Princípio 01

Reconhecimento e valorização dos ativos das organizações apoiadas: conhecimentos, competências, redes, pessoas, vivências

Uma organização que atua com filantropia comunitária acredita e defende que são os grupos, coletivos, movimentos, lideranças e organizações da sociedade civil que conhecem a fundo o território onde vivem e as comunidades nas quais atuam. Dessa forma, são os melhores atores para propor e realizar ações que possam beneficiar a todos, melhorando a qualidade de vida nos territórios e fortalecendo a cidadania.

De maneira geral, esses atores filantrópicos locais valorizam:

- » o **conhecimento** sobre a história e as tradições locais, as ações que já foram realizadas, as negociações já feitas, os atores que já apoiaram iniciativas locais etc;
- » as **competências** necessárias para atuar localmente para benefício comum (além de poder desenvolver outras habilidades para ampliar seu repertório de ações);
- » **redes** já estabelecidas e consolidadas localmente para articular esforços;
- » **pessoas** engajadas e envolvidas no processo de desenvolvimento comunitário;
- » **vivências locais** significativas que geram aprendizado, experiências, conexões e, com isso, fortalecem a comunidade.

Princípio 02

Reconhecimento da autonomia das organizações apoiadas na concepção e definição dos rumos do projeto e de sua gestão, tanto em relação ao poder de decisão quanto na gestão de recursos

A independência de atuação estabelece que organizações financiadoras não interferem no destino dos recursos financeiros ou, quando isso ocorre, a participação acontece em igualdade com outros agentes e de forma pautada por estruturas de governança estabelecidas pe-

las próprias organizações doadoras e que já consideram esta forma de participação.

Essa lógica também é espelhada nas doações realizadas, que são fundamentadas na ideia de que o poder de decisão sobre os recursos deve ser de responsabilidade de quem os recebe, ou seja, organizações, grupos e movimentos da sociedade civil que incidem diretamente na transformação social. Em lugar de imposições de fora, da perspectiva de quem detém e transfere - quando não concentra - tais recursos, constroem-se relações de confiança para a criação conjunta de agendas e atividades.

Princípio 03

Desenvolvimento de ações voltadas ao fortalecimento de lideranças locais e do tecido comunitário

Reconhecer que os territórios têm recursos humanos e conhecimento com alto potencial já é um ato transformador, que valoriza as pessoas e saberes locais na atuação em prol das comunidades. Para além do reconhecimento, é fundamental apoiar o processo de desenvolvimento das lideranças locais e das redes que as conectam, a fim de fortalecê-las para que possam atuar de maneira cada vez mais efetiva.

Princípio 04

Investimento, através de doações (financeiras ou de outra natureza), no fortalecimento institucional das organizações apoiadas

Muitos dos financiadores que apoiam organizações e iniciativas da sociedade civil atrelam seu apoio ao desenvolvimento de projetos específicos por tempo determinado. Para além da execução de iniciativas, é importante ressaltar que as organizações e movimentos precisam de recursos para manter suas atividades institucionais, como o pagamento pelo uso de espaço físico e salários das suas equipes. *Investir no fortalecimento institucional de uma organização é impulsionar a imagem dela como uma organização estratégica no alcance de uma sociedade mais justa e sustentável*¹¹; é reconhecer que a atuação para atender seu objeto social por si só já gera impacto positivo e deve receber financiamento.

Além disso, é importante destacar que as doações podem ir além de recursos financeiros, envolvendo outros menos tangíveis como tempo (dedicação a uma atividade de forma voluntária, como mentoria) ou conhecimento (treinamentos).

¹¹ Fonte: <https://redecumua.org.br/o-fortalecimento-institucional-no-impulsionamento-da-filantropia-comunitaria-no-brasil/>

Princípio 05

Priorização de temas e públicos associados a grupos historicamente minorizados e com histórico de violação de direitos (negros, mulheres, LGBTQIAPN+, indígenas e povos tradicionais)

Quando falamos em filantropia, falamos em relações de poder. E quando falamos de democracia, falamos de acesso a direitos e democratização de acesso a recursos. A filantropia comunitária promove a capilarização de recursos financeiros para que cheguem a quem mais precisa para que mantenham suas lutas e reivindicações no campo dos direitos¹².

Princípio 06

Adoção de processos e mecanismos que facilitem o acesso amplo a recursos financeiros e a prestação de contas por parte de organizações apoiadas

A desburocratização do acesso a recursos e a concessão de autonomia para aplicá-los, além da simplificação na prestação de contas sobre a sua utilização e os resultados alcançados, são a base para a construção de um projeto de democratização da filantropia. É fundamental que se adapte a maneira de olhar para o acompanhamento e o monitoramento dos projetos sociais, assumindo que mudanças sociais efetivas demandam atuação multidisciplinar e tempo. Nesse sentido, estabelecer relações

¹² Fonte: <https://redecumua.org.br/rfjs-e-gife-avancam-no-projeto-de-fortalecimento-da-filantropia-comunitaria-junto-ao-isp/>

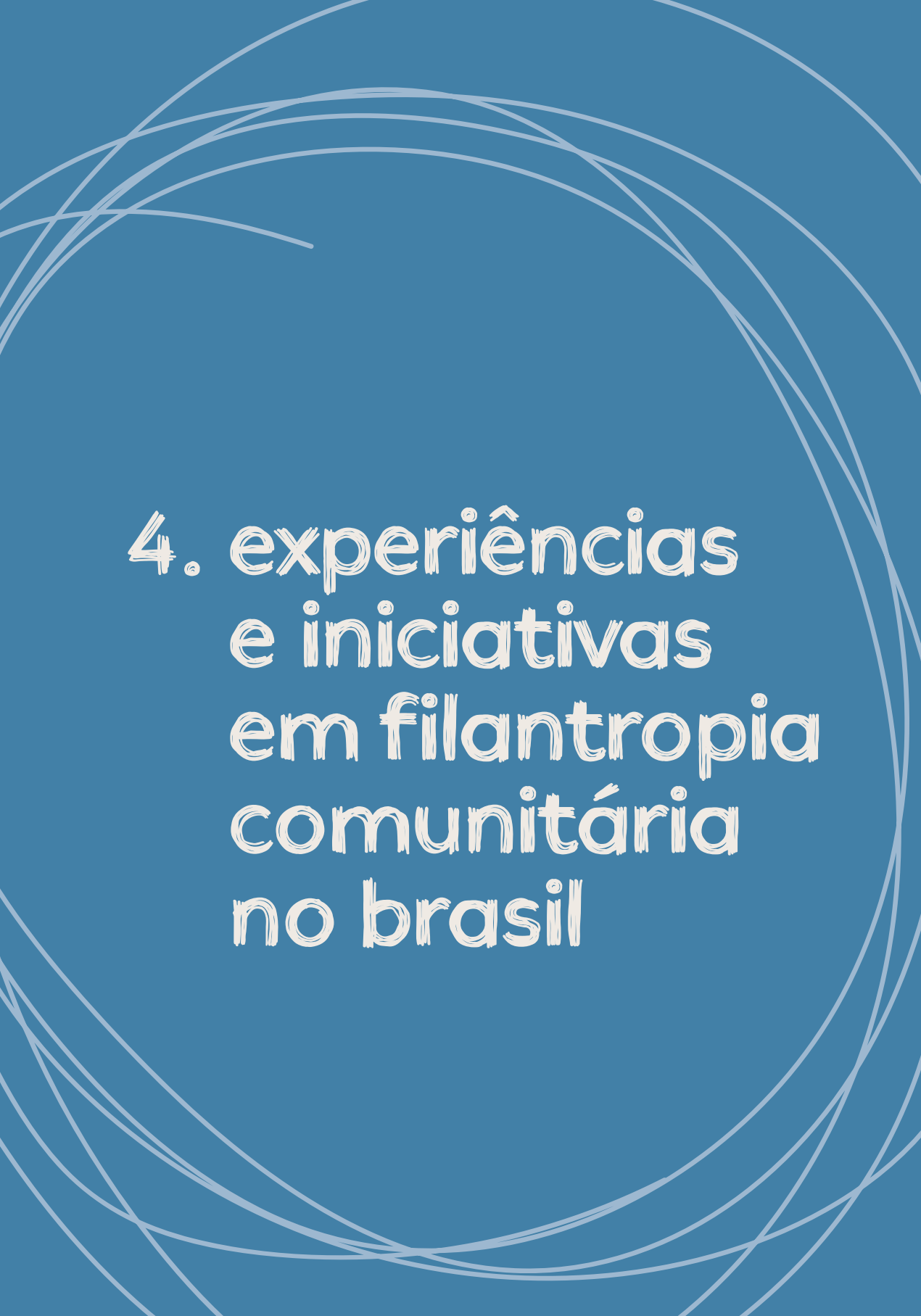
de confiança e de longo prazo é o melhor caminho para ver transformações reais acontecerem.

Princípio 07

Promoção da diversidade e da participação de representantes das organizações apoiadas em processos/instâncias de decisão internos ao Instituto/Fundação (governança)

É fundamental estabelecer processos de ampliação de formas de decisão em relação aos apoios que são realizados por instituições financiadoras. Conselhos e equipes mais inclusivas produzem olhares mais diversos, capazes de aportar outros tipos de conhecimento. A diversidade nas equipes nas organizações é também fator que tem potencial para ampliar a confiança e o respeito pela representatividade, por serem também compostas por pessoas que são atravessadas pelos problemas que as organizações buscam ajudar a minimizar com as doações¹³.

¹³ Fonte: <https://redecoua.org.br/seminario-de-10-anos-da-rede-trouxe-reflexoes-sobre-o-poder-da-filantropia-de-justica-socioambiental/>



4. experiências e iniciativas em filantropia comunitária no brasil

As iniciativas apresentadas a seguir são caracterizadas pela utilização de tecnologias e práticas sociais alinhadas com os valores da filantropia comunitária, e indicam caminhos possíveis para replicar e multiplicar as práticas em outros cenários. Contribuem também para a sistematização e disponibilização de conteúdo em suas páginas institucionais na internet e nas redes sociais, incluindo a descrição das realidades em que estão inseridos, relatórios de atividades, avaliações de impacto, enfim, uma diversidade de informações relacionadas à sua atuação.



1. engaja serra: fundo de desenvolvimento comunitário “fortalecendo potências para reduzir desigualdades”

Em meio a uma região litorânea de natureza privilegiada no sul da Bahia, com amplo potencial turístico e de atividades agrícolas sustentáveis, de economia criativa e de economia florestal, está localizado o distrito de Serra Grande, no município de Uruçuca. Com cerca de seis mil habitantes – segundo dados da Prefeitura do município –, esta pequena vila tem atraído cada vez mais o interesse de turistas e de pessoas de outras localidades, que chegam para residir e/ou empreender no território. Tal fluxo migratório, que se intensificou nas últimas duas décadas, tem desencadeado diferentes alterações socioespaciais e um tensionamento nas relações entre moradores locais e novas pessoas que chegam à vila.

Em meados de 2012, a partir de um debate comunitário, foi sugerida a criação de uma agência de desenvolvimento econômico para impulsionar e estimular a economia e o empreendedorismo da região. No contexto do planejamento dessa iniciativa, concluiu-se que, para alavancar a economia local, seria preciso fortalecer, além dos negócios, as organizações da sociedade civil, engajadas em atuar no cuidado do território.

É nesse cenário que surge, em 2014, a Tabôa - Fortalecimento Comunitário, organização que busca fortalecer comunidades por meio do acesso a conhecimentos, recursos financeiros e estímulo à cooperação, mobilizando diferentes atores locais e articulando redes de colaboração. A partir de 2017, com as ações de fortalecimento da agricultura familiar, a instituição passa a alcançar outros territórios e biomas na Bahia para além da Mata Atlântica, como a Caatinga e o Cerrado. Em 2023, foram 18 municípios alcançados.

Uma atuação que, ao longo dos anos, tem promovido desde acesso a microcrédito para fomentar o desenvolvimento local (democratizando o acesso a recursos por meio de linhas de crédito mais inclusivas e flexíveis, num total de R\$ 6,2 milhões de reais¹⁴) até apoio para desenvolvimento institucional das organizações da sociedade civil (R\$ 2,7 milhões doados para projetos e iniciativas comunitárias¹⁵). Todo o trabalho inclui também a facilitação de acesso a recursos técnicos e valorização de saberes locais, por meio de atividades formativas, assessorias,

14 Montante de créditos concedidos a agricultoras/es familiares e empreendedoras/es comunitárias/os entre 2015 e 2023, por meio dos programas de Desenvolvimento Rural e Desenvolvimento Territorial de Serra Grande e Entorno.

15 Montante de doações realizadas entre 2015 e 2023 para projetos e iniciativas comunitárias, por meio dos programas de Desenvolvimento Rural e Desenvolvimento Territorial de Serra Grande e Entorno.

mentorias e assistência técnica, rodas de diálogo, além da produção e disseminação de conhecimentos.

Uma das estratégias mais recentes da Tabôa, com foco no território de Serra Grande e entorno, é o movimento Engaja Serra - uma ampla gama de ações com o propósito de conectar pessoas, iniciativas comunitárias e causas estratégicas para fortalecer o protagonismo comunitário no desenvolvimento justo e sustentável da região. Partindo do pressuposto de que só é possível atuar de forma genuína quando uma organização se abre para o diálogo e busca conhecer a fundo o contexto, as realidades e as demandas locais, a Tabôa investiu primeiro num processo de compreensão sobre as transformações que vêm acontecendo no território já há muito tempo. Assim, em 2021, foi realizado um mapeamento aprofundado sobre a migração (por meio da escuta dos diversos grupos habitantes do espaço) e um levantamento de iniciativas comunitárias já existentes no local, como atuavam, quais eram suas necessidades e desafios.

Dessa forma, os ativos e experiências já existentes são respeitados e valorizados; e as lideranças locais são reconhecidas e convidadas a fazer parte da construção de estratégias mais adequadas para atender à multiplicidade de demandas, a fim de integrar a comunidade em torno de um propósito coletivo comum: o fortalecimento do território como um todo e a redução de desigualdades. Com isso, os próprios líderes comunitários envolvidos no processo saem mais fortalecidos para engajar e multiplicar o propósito em seus círculos de influência. Vale ressaltar que essa iniciativa de mapeamento e geração de dados promove evidências também para outros atores que atuam na região, criando um círculo virtuoso de geração de conhecimento e atuação mais assertiva no campo.

Dentre as diversas ações do Engaja Serra destaca-se o **Fundo de Desenvolvimento Comunitário**, desenvolvido com base no fomento a uma cultura de doação (também entre os moradores) para mobilizar recursos com foco no fortalecimento de coletivos, grupos e organizações locais. A iniciativa foi apoiada pela Rede Comuá no contexto do Programa de Apoio à Incidência.

Em 2022, foi realizada uma captação de recursos com parceiros (nacionais e internacionais) para ações de estruturação do Fundo e elaboração de uma rodada experimental de apoio, com temas que haviam sido levantados em estudos realizados pela Tabôa: juventudes e igualdade de gênero.

Nessa etapa piloto, foram apoiadas três iniciativas, que participaram do diagnóstico realizado pela instituição e que desenvolvem ações de fortalecimento de jovens e mulheres. Cada uma delas recebeu um aporte de R\$ 35 mil e contou com acompanhamento técnico da Tabôa para seu desenvolvimento institucional por aproximadamente um ano. Também foram produzidos kits com materiais de comunicação para cada iniciativa.

Os recursos financeiros mobilizados pelo Fundo são repassados de forma livre (não vinculada a projetos específicos), possibilitando que cada organização apoiada tenha autonomia para desenvolver suas próprias estratégias de atuação, utilizando o orçamento de acordo com a sua realidade e demandas específicas.

Para além dos recursos financeiros, o acompanhamento técnico envolve a realização de trilhas de aprendizagem para coletivos, associações e outras organizações

locais (tanto as apoiadas na primeira rodada do Fundo quanto as demais que foram mapeadas e estão na rede de relacionamento da Tabôa). Os temas são selecionados por meio do processo de escuta frequente, no qual são levantados desafios que as organizações enfrentam. Além da capacitação mais formal, ressalta-se a potencialização cruzada que acontece no grupo - ou seja, o compartilhamento de práticas e experiências entre as organizações participantes dessa rede de relações.

É importante pontuar que há um processo vivo, dinâmico e potente de monitoramento e aprendizagem, no qual buscam-se avaliar as transformações concretizadas em cada ator individualmente, das organizações entre si e da comunidade como um todo. Nos encontros, que acontecem a cada dois ou três meses, há sempre um momento de escuta, de trocas e de sistematização de informações, de forma coletiva e colaborativa.

Pode-se dizer que ainda é cedo para mensurar, em sua totalidade, os resultados que o movimento Engaja Serra está promovendo no território. Entretanto, o fato de ter conseguido mobilizar recursos para promover a primeira rodada de apoio do Fundo de Desenvolvimento Comunitário, além do comprometimento e engajamento das organizações no processo de acompanhamento após a seleção, mostra que há potencial para seguir apoiando outras iniciativas locais futuramente.

Outro resultado positivo é a constatação de que é possível acompanhar a alocação dos recursos financeiros nas iniciativas sem uma política de fiscalização contábil excessivamente rigorosa, e sim por meio de relação de confiança e de construção coletiva.

Por fim, o processo de aprendizagem aparece como um valor intrínseco ao Fundo, que também reconhece que está se desenvolvendo nessa jornada, junto com as demais pessoas e organizações.

Os principais desafios a serem superados estão relacionados a: disputa por protagonismo entre moradores antigos e migrantes e o processo de gentrificação da região, que impacta o acesso à terra e nas formas de uso do território, aprofundando desigualdades; e falta de financiamento, que pode limitar a atuação do Fundo e prejudicar a implementação de apoios anuais. A organização segue buscando os melhores caminhos tanto para levantar recursos quanto para direcioná-los. Muitas vezes, as próprias iniciativas apoiadas também podem contribuir no processo de captação de recursos.

+ informações

- » **Realizador:** [Tabôa Fortalecimento Comunitário](#).
- » **Financiadores iniciais para estruturação do Fundo e primeira rodada de apoio:** [Rede Comuá](#); [Global Fund for Communities Foundation](#); [Connecting Communities in the Americas](#) (CCA); [Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social](#) (IDIS).
- » **Outros financiadores:** doadores individuais, embora ainda de forma incipiente.
- » **Parceiros institucionais na troca de práticas**

e conhecimento: [ICOM](#) (Instituto Comunitário Grande Florianópolis); [FunBEA](#) (Fundo Brasileiro de Educação Ambiental).

- » **Iniciativas potencializadas entre os anos de 2022/2023** (contempladas na primeira rodada de apoio): [Associação Cultural Circo da Lua](#); [Feira Comunitária Saberes e Sabores](#); [Coletivo Serra Cria](#).

acompanhe:

<https://www.taboa.org.br/>

<https://www.facebook.com/>

[taboafortalecimentocomunitario](#)

https://www.instagram.com/taboa_fortalecimento/



Foto: Taboá Fortalecimento Comunitário





2. fundo agbara: primeiro fundo de mulheres negras no brasil

No Brasil, as mulheres negras enfrentam desafios decorrentes de uma interseção de gênero e raça que perpetua desigualdades sociais. Com uma população de mais de 57 milhões, representam aproximadamente 25,4% da população total do país¹⁶. Apesar de serem um grupo expressivo e diversificado, as mulheres negras ainda enfrentam disparidades salariais, menos acesso a oportunidades no mercado de trabalho e são frequentemente submetidas a condições precárias de atuação, além de estarem em maior situação de vulnerabilidade a eventos extremos, como foi o caso da pandemia de Covid-19 e de fortes chuvas que vêm assolando o país.

É nesse contexto que surge uma movimentação que logo tomaria forma com o Fundo Agbara. Aline Oda-ra, idealizadora do Fundo, foi central para essa ação. A ausência de políticas públicas de inclusão produtiva e empregabilidade para as mulheres negras no país e a história de outras mulheres que, assim como ela, lutavam para se manter no ensino superior apesar de todos os desafios financeiros que enfrentavam, fizeram com que Aline percebesse que gostaria de proporcionar garantia e segurança financeira para mulheres negras de todo o Brasil.

16 Fonte: Censo IBGE 2022

As ações começaram com vaquinhas e doações de conhecidos e, em 2020, ano em que a pandemia da Covid-19 impactou toda a sociedade, Aline convidou Fabiana Aguiar para fazer parte do projeto, ao mesmo tempo em que as ações foram cada vez mais tomando forma e se organizando de maneira mais estruturada. O crescimento da visibilidade e a demanda de ações percebidos por ambas levaram à formalização do projeto em 2021, com a criação do Fundo Agbara. Posteriormente, elas se deram conta de que estavam desenvolvendo uma proposta inovadora e diferente de outros fundos existentes, por atuarem apoiando um público que, até então, não tinha estado no centro da atuação de outras iniciativas.

O objetivo do Fundo Agbara é promover acesso a direitos econômicos para mulheres negras por meio do fomento às suas iniciativas, percebendo a importância disso não apenas para combater o racismo sistêmico que as priva de acesso, mas também para ajudá-las a ter independência financeira para que consigam apoiar as outras pessoas que também as cercam e fortalecer as redes em que atuam.

Atualmente, o Fundo Agbara apoia iniciativas de mulheres negras por meio de alguns pilares de atuação, entre eles: empoderamento feminino racial, empreendedorismo e economia criativa, geração de renda e inclusão produtiva, consumo responsável, redução das desigualdades, educação de qualidade, cultura de doação e desenvolvimento comunitário.

Para alcançar o impacto desses pilares, foram estruturadas cinco frentes de atuação principais: Fomento (Programas de Inclusão Produtiva), Incidência política (atuação

em advocacy pensando a desburocratização de acesso a recursos e a participação no orçamento público), Produção de dados e conhecimento (lançamento do Núcleo de Pesquisa e Memória da Mulher Negra), Consultoria de diversidade e inclusão (para empresas) e Projetos especiais (acesso à cultura e escoamento dos produtos das mulheres negras).

Foram lançados três editais “Avança, preta!”, que tiveram como critérios de elegibilidade: i) organizações com, no mínimo, um ano de existência; ii) que tenham por fim a geração de renda; e iii) que sejam lideradas por mulheres negras maiores de idade. As três edições mobilizaram um total de R\$ 146 mil em fomento direto a 80 mulheres. Os valores variam de acordo com o tamanho dos projetos, e sugere-se que 50% dos recursos sejam aplicados no plano de negócios da organização.

Além do aporte financeiro direto para as organizações, o Fundo contribui com capacitações técnicas e político-cidadãs, afroempreendedorismo e estratégias para impulsionar os negócios das mulheres apoiadas. O Agbara fomenta também a construção de uma rede de mulheres negras, buscando incentivar a troca de experiências e o fortalecimento mútuo.

Não é exigida prestação de contas exaustiva dos recursos recebidos, embora esteja sendo desenvolvida uma metodologia de avaliação de impacto, que será realizada seis meses após a jornada. Durante o processo, há um acompanhamento inicial e final e, depois da jornada, são realizados encontros mensais.

O Agbara desenvolve ainda quatro outros programas: Atunlo Ife, voltado à capacitação e suporte financeiro para

mulheres negras trabalhadoras na área de reciclagem e manuseio de resíduos; Ajeum, voltado a apoiar mulheres negras com iniciativas de geração de renda em alimentação; Lewá, voltado a apoiar mulheres negras na área da estética; Ileré, voltado à saúde de mulheres negras.

Considerando todas as ações, mais de R\$ 8 milhões já foram arrecadados, 340 iniciativas foram reconhecidas e cerca de 4.676 mulheres foram impactadas direta e indiretamente pelo fundo.

Apesar das dificuldades iniciais para acessar espaços de filantropia, a capacidade de mobilizar uma rede de pessoas doadoras recorrentes chamou a atenção de fundações e gerou propostas de parceria. Assim, o Fundo recebeu o primeiro aporte da Próspera Social, seguido pela Fundação Tide Setubal e pelo Global Fund for Community Foundations, o que permitiu a contratação de uma equipe.

O time do Agbara é composto por 17 mulheres com cargos e posições diversas dentro da organização, sendo que as áreas estão em desenvolvimento e expansão.

O Fundo tem também como objetivo ampliar sua atuação no campo do *advocacy* (incidência), almejando incidir sobre políticas públicas para que os governos, de maneira geral, sejam mais democráticos e atentos às questões relacionadas às mulheres negras. A organização está investindo em compreender os códigos de ética e conduta existentes no campo da filantropia em geral.

As perspectivas incluem consolidar-se como uma organização de transferência de renda para pessoas negras e

buscar a excelência na entrega desses recursos. Obter mais capital e diversificar fontes de receita estão entre as metas da organização, que em prazo de cinco a sete anos pretende ter um *endowment* para garantir a sustentabilidade da ação.

+ informações

- » **Realizador:** [Fundo Agbara](#)
- » **Financiadores iniciais:** [Fundação Tide Setubal](#); [Global Fund for Community Foundations](#); [Prospera Social](#); [Brazil Foundation](#); [Fundo Casa Socioambiental](#).
- » **Outros financiadores:** doação de indivíduos, mas ainda de forma incipiente.
- » **Parceiros institucionais do Agbara:** [Take Me](#); [CUFA](#); [Instituto Aurueras](#); [SINTPq](#); [Advice - Contabilidade Consultiva](#); [Grifa](#); [Mercado Pago](#); [PROAC](#); [Mercado Livre](#); [CIVI-CO](#); [Formmer Afro](#); [Insecta](#); [Benfeitoria](#); [Bolo de Mesa](#), [Grupo Gestão](#); [Foundation Emanuele Antola](#); [Artemisia](#); [Motorola](#); [Olho no olho](#); [Secretaria de Cultura e Economia Criativa](#); [Taul Chequer | Mayer Brown](#).

acompanhe:

<https://fundoagbara.org.br/>

<https://www.instagram.com/fundoagbara/>

<https://facebook.com/FundoAgbara/>

<https://www.uol.com.br/ecoa/>



3. fundo de impacto para a justiça social - icom

A equidade racial é uma questão urgente e relevante que permeia nossa sociedade há séculos. A luta pela justiça social e igualdade é uma tarefa contínua que busca desconstruir estereótipos e preconceitos, para que todos os indivíduos tenham direitos respeitados e garantidos. Nesse contexto, organizações da sociedade civil desempenham papel fundamental na busca por uma sociedade mais inclusiva e igualitária, como é o caso do Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICOM), um exemplo de iniciativa filantrópica e comunitária dedicada a promover, dentre outras causas, o combate às desigualdades raciais.

O ICOM é uma fundação comunitária cujo objetivo é promover o desenvolvimento social em Florianópolis (SC). A instituição busca captar recursos de pessoas doadoras e empresas que desejam fazer investimentos de alto impacto social na região. O principal propósito do ICOM é mobilizar, articular e apoiar investidores sociais e ações coletivas de interesse público, com foco em melhorar as condições de vida e reduzir as desigualdades sociais em Florianópolis. Através de parcerias e colaborações com diversos atores da sociedade, a instituição trabalha para criar comunidades mais seguras, inclusivas, livres de violência, preconceitos e injustiças.

O Instituto atua por meio de três eixos estratégicos: Fortalecimento da sociedade civil organizada; Estímulo

ao investimento social privado; e Conhecimento e articulação da comunidade. Como uma estratégia de ação do segundo eixo, foi criado, em 2018, o **Fundo de Impacto Para Justiça Social**, em parceria com o Impact Hub e a Semente Negócios. O Fundo tem como objetivo central promover justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos e a redução das iniquidades sociais. A iniciativa foi apoiada pela Rede Comuá via Programa de Apoio à Incidência.

Em cinco anos de atuação, o Fundo promoveu editais com foco em temas como direitos de pessoas LGBTQIAPN+, equidade de gênero, pandemia de Covid-19, violência doméstica e, em 2022, equidade racial, sendo essa a iniciativa selecionada para ser aqui apresentada.

O edital para essa iniciativa foi direcionado para organizações que atuavam com a causa da equidade racial no ano de 2022, especificamente na região da Grande Florianópolis. Foi estruturado a partir das seguintes frentes: Atendimento direto às crianças e adolescentes negros(as) de periferia; Atuação com e para pessoas negras de comunidades periféricas; Saúde mental da população negra; Estratégias ativistas de combate a todos os tipos de violência causadas pelo racismo; Atendimento direto com e para jovens negros(as) de periferia; Autoestima e valorização da cultura afro-brasileira; Defesa do direito à terra de populações quilombolas; *Advocacy* a favor da causa da equidade racial; além de outras atividades alinhadas com o objetivo do edital que não fossem contempladas por esses itens.

Foram arrecadados R\$ 60 mil com as ações de captação do Fundo - recurso que o ICOM direcionou integralmente

às iniciativas vencedoras. Do total de 17 organizações inscritas, três foram selecionadas para receber o aporte de R\$ 20 mil cada, além do acompanhamento técnico e de mentorias oferecidos pelo ICOM durante cinco meses: Batak Freak, Grupo Mittos e Instituto É da Nossa Cor.

No acompanhamento técnico, o ICOM cria e disponibiliza um plano de ações para as instituições, com metas e objetivos, além de uma planilha de custos que contemple o valor do aporte financeiro oferecido. Dentro do período estipulado para acompanhamento das organizações, o uso do recurso é livre, sendo que os projetos contemplados pelo edital precisam apenas apresentar o plano de ação e a planilha de custos e, a partir dessa apresentação, o ICOM monta o plano de consultoria para os projetos, oferecido pelo próprio Instituto.

O número de inscrições recebidas em 2022 também possibilitou o fortalecimento de outras ações do ICOM, como o eixo estratégico de Conhecimento e Articulação da Comunidade. O formulário de inscrição do edital permitiu o mapeamento de 17 novas iniciativas e a busca ativa por outras 44 organizações que atuam com o tema da equidade racial.

No que diz respeito à relação com as pessoas físicas investidoras, elas são convidadas a participar da escolha da causa que será tema de editais, da seleção das iniciativas inscritas e do processo avaliativo, sendo um investimento participativo. No final do acompanhamento dos projetos contemplados, os investidores também tiveram a oportunidade de assistir a uma apresentação das organizações para visualizarem os resultados que foram obtidos após o aporte do Fundo.

O Fundo de Impacto para a Justiça Social ainda enfrenta desafios para se tornar sustentável financeiramente, pois só as doações que recebe não são suficientes para manter os editais de maneira perene. Além disso, existe certa dificuldade quanto à mensuração de resultados, uma vez que o ICOM não tem recursos suficientes para manter uma equipe inteira dedicada exclusivamente ao Fundo, o que dificulta o monitoramento de seu impacto.

+ informações

- » **Realizador:** [ICOM - Instituto Comunitário Grande Florianópolis](#)
- » **Financiadores iniciais:** [Rede Comuá](#), [Impact Hub Floripa](#) e Semente Negócios
- » **Financiadores atuais:** Pessoa Jurídicas - [ACATE](#), [Cheesecake Lab](#), [Impact Hub](#), [Instituto Now](#) e [Semente Negócios](#). Pessoas Físicas - Alline Goulart, Azor El Achkar, Cheila Zortéa, Elena Rivero, Estela Benetti, Felipe Rocha Maia, Guilherme Sarkis, Henrique Bussacos, Jean Carlo Roversi, João Victor Antonioli, Lucia Dellagnelo, Mariane Maier Nunes, Roberto Kiviti, Stefani Ceolla, Thaís Regina Balistieri, Zoe Silva, Gabriela Werner, Yasmin Morais, Indianara P., Débora Rodrigues, Aghata Gonsalves
- » **Parceiros institucionais do ICOM:** [Motive - Consciência em Ação](#), Família Macedo, Família Gomes Vieira, [ASAS - Incorporações e Habitat](#), Gaiamar Administração Patrimonial LTDA.

acompanhe:

<https://www.icomfloripa.org.br/>

<https://www.instagram.com/icomfloripa>

<https://www.linkedin.com/company/icomfloripa/>

<https://facebook.com/icomfloripa>



Foto: Donson | Adobe Stock

4. aliança entre fundos

Os agravantes sociais, econômicos e políticos causados pela pandemia da Covid-19 impactaram de maneira ainda mais significativa os grupos que já experimentavam contextos de vulnerabilidade. Quilombolas e indígenas, por exemplo, ou não recebiam nenhum apoio por estarem geograficamente isolados, ou recebiam apoios humanitários que nem sempre correspondiam às suas necessidades mais emergentes.

No anseio de apoiar esses públicos, o Fundo Baobá para Equidade Racial, o Fundo Brasil de Direitos Humanos e o Fundo Casa Socioambiental lançaram individualmente convocatórias emergenciais a ações de grupos, organizações e/ou indivíduos em situações de maior vulnerabilidade na pandemia. A partir das trocas e aprendizados entre esses três fundos na construção da agenda por justiça social, logo se percebeu que o impacto seria maior se unissem esforços.

Os três fundos vislumbraram na filantropia colaborativa para justiça social a possibilidade de criar uma governança ousada e eficaz na construção de respostas às demandas urgentes das comunidades quilombolas e povos indígenas, agravadas no contexto da pandemia.

Surgia assim em 2021, no âmbito da Rede Comuá, a Aliança entre Fundos, ação estratégica e inovadora. A iniciativa só foi possível em razão das fortes relações de confiança construídas durante anos com a base comunitária.

A governança da Aliança é colaborativa, com representação dos três fundos, definindo consensos orientadores e tendo atuação conjunta sem perder a singularidade de cada um. Valoriza ainda as singularidades da relação de cada fundo com seus *grantees* e realiza o monitoramento, avaliação e sistematização dos aprendizados de forma coletiva. Entre os elementos facilitadores do processo destacam-se o alinhamento de propósito entre os fundos e a participação na Rede Comuá, onde encontraram espaço de troca e apoio financeiro, parceiros engajados e abertura para experimentação.

Após longas conversas – e com base na escuta feita com diversos atores nos territórios – os fundos elegeram três temas cruciais para orientar a atuação da Aliança que surgia: defesa de direitos, resiliência comunitária e sustentabilidade econômica das famílias e soberania alimentar das populações mais vulneráveis no enfrentamento da pandemia da Covid-19.

A Aliança nasceu para fortalecer especificamente quilombolas e indígenas: dos **78 projetos** apoiados em **três editais lançados**, 100% dos recursos foram direcionados para esses públicos.

Foram mobilizados mais de **R\$ 5 milhões**, destinados a **68 organizações quilombolas e 10 povos indígenas**, de 19 estados, em todas as regiões do país.

Além do acesso aos recursos financeiros, aplicados nos territórios que mais necessitam de apoio, a Aliança também visou o desenvolvimento institucional dessas iniciativas e o fortalecimento do protagonismo e das demandas dos povos indígenas e comunidades quilombolas

promovendo, por exemplo, o Encontro Virtual de Comunicação entre Projetos Apoiados, que contou com a participação de 52 organizações.

Os projetos beneficiados têm experimentado ainda novos arranjos comprometidos com a promoção do protagonismo comunitário, e as soluções são criadas a partir das vivências de cada realidade. Assim, são as comunidades que assumem o poder de decisão e de direcionamento das ações locais.

Cada fundo atua em territórios específicos, eliminando, portanto, a sobreposição de instituições em territórios comuns. No entanto, as estratégias são conjuntas e as trocas e aprendizados são compartilhados, o que otimiza recursos e potencializa resultados.

O modelo inovador da Aliança tem gerado impactos positivos nos territórios indígenas e quilombolas se comparados ao modelo operacional praticado por outras instituições filantrópicas no país que, muitas vezes, realizam ações desarticuladas, sem uma coordenação alinhada e sem visão mais ampla e coletiva para potencializar os propósitos em comum.

É entendimento entre as organizações que compõem a Aliança que caminhos colaborativos necessitam de tempo para construção, e que esta pandemia não foi a primeira e nem será a última crise aguda que tem ameaçado o mundo e afetado de forma diferenciada essas populações.

É importante a manutenção desta iniciativa para seguir na construção de novos caminhos colaborativos e atuar na mitigação dos impactos dos agravos sociais, econômicos e políticos, incluindo as mudanças climáticas, em nosso país.

+ informações

- » **Realizadores:** [Fundo Baobá para Equidade Racial](#), [Fundo Brasil](#) e [Fundo Casa Socioambiental](#)
- » **Financiadores e parceiros:** [Rede Comuá](#), [Inter-American Foundation](#) e [Instituto Meraki](#)

acompanhe:

<https://aliancaentrefundos.org.br/>



Foto: Aliança Territorial / divulgação

5. aliança territorial: fortalecendo comunidades e territórios

Lançada em 2023, a partir de uma Comunidade de Práticas da Rede Comuá, a Aliança Territorial reúne sete organizações membro da Rede: Casa Fluminense, FunBEA (Fundo Brasileiro de Educação Ambiental), Instituto Comunitário Baixada Maranhense, Instituto Procomum, ICOM (Instituto Comunitário Grande Florianópolis), Redes da Maré e Tabôa - Fortalecimento Comunitário.

Em comum, essas organizações, localizadas em diferentes regiões do país, reconhecem os territórios como potência e lugar decisivo de afirmação, garantia e defesa de direitos e da vida. É no território que se materializam as desigualdades historicamente construídas, como também as formas de resistência, resiliência e inovação cidadã protagonizadas pelas comunidades.

Em nota conceitual publicizada no lançamento, as organizações que compõem essa Aliança destacam que territorializar a filantropia com foco na construção de justiça socioambiental e cultural é assumir a centralidade das comunidades como protagonistas das mudanças, definindo suas agendas prioritárias, participando das decisões sobre os recursos locais e da construção e implementação de respostas coletivas para os desafios vivenciados em seus cotidianos.

É também compreender que as experiências vividas no território não são as mesmas para os diferentes gru-

pos sociais e, por isso, é preciso priorizar esforços para fomentar a participação ativa daqueles que historicamente têm tido seus direitos negados ou violados, inclusive nas instâncias de governança das organizações.

Reconhecer as diferentes dinâmicas socioterritoriais e suas implicações nos processos de desconstrução das desigualdades também traz à tona a diversidade de agendas temáticas que se entrelaçam no dia a dia das comunidades e pautam a atuação das organizações dessa Aliança, a partir dos princípios da interdependência e indivisibilidade dos direitos.

Assim, o fortalecimento comunitário é premissa para o aprofundamento da democracia e para potencializar a ação coletiva de lideranças, grupos, movimentos e organizações comunitárias, que atuam na linha de frente da defesa de direitos, evidenciando suas demandas, amplificando suas vozes e impulsionando suas agendas estratégicas.

Todas as organizações articuladas no âmbito da Aliança fazem doações (*grantmaking*) e executam projetos próprios ou em parcerias regionais, nacionais e internacionais.

Juntas, suas ações alcançaram, em 2022, 136 municípios em oito estados brasileiros. Entre 2022 e primeiro semestre de 2023, foram aportados R\$ 2.543.155,42 em doações diretas e R\$ 3.919.654,64 em doações indiretas. Foram apoiadas 1.013 pessoas/lideranças e 451 coletivos, organizações, movimentos e grupos.¹⁷

¹⁷ Dados referentes a 2022 até o primeiro semestre de 2023

71% das organizações que compõem a Aliança contam com a participação de lideranças dos territórios nas instâncias de tomada de decisões estratégicas. 86% participam de redes nacionais temáticas de atuação e redes territoriais. 70% realizam ações de incidência. E 57% estão presentes em conselhos municipais, estaduais ou federais de políticas públicas.

O modelo de governança da Aliança Territorial segue uma relação horizontal e colaborativa. Se inspira na proposta da Sociocracia, aderindo ao princípio do diálogo, buscando promover participação direta de todos os integrantes na tomada de decisão e a distribuição de atribuições em círculos temáticos:

- » Círculo Geral: até três membros de cada organização
- » Círculo de Comunicação
- » Círculo de Mobilização de Recursos
- » Círculo de Gestão de Conhecimento
- » Círculo de Redes e Parcerias

Ao círculo geral cabe a tomada de decisões institucionais. E aos círculos temáticos, o desenvolvimento de atividades, com autonomia, dentro do escopo de seu tema.

Desenvolvimento Institucional e Incidência são temas de grande relevância para a Aliança e ficam determinados como temas transversais a todos os círculos.

A Aliança pretende estabilizar seu modelo de governança e construir modelos sólidos de atuação por dois anos, para então possibilitar a entrada de novas organizações.

Constitui-se, assim, em um espaço fundamental para fomentar articulações com organizações, fundos nacionais e internacionais, ampliando a capacidade de incidência no ecossistema filantrópico e no endereçamento público de causas prioritárias para a justiça socioambiental e cultural nos territórios. Além disso, o encontro dos saberes, experiências e aprendizados dessas organizações, construídos no diálogo permanente com as comunidades apoiadas, são insumos importantes para o fortalecimento do campo da filantropia com foco territorial.

+ informações

- » Realizadores: [Casa Fluminense](#), [FunBEA](#) (Fundo Brasileiro de Educação Ambiental), [Instituto Comunitário Baixada Maranhense](#), [Instituto Procomum](#), [ICOM](#) (Instituto Comunitário Grande Florianópolis), [Redes da Maré](#) e [Tabôa Fortalecimento Comunitário](#).
- » Financiadores e parceiros iniciais: [Rede Comuá](#)

acompanhe:

<https://www.aliancaterritorial.org/>

<https://redecomua.org.br/>

rede comuá

Todas as organizações que integram a Rede Comuá trabalham segundo os princípios da filantropia comunitária. Além das iniciativas trazidas nesta publicação, poderíamos destacar muitas outras, que podem ser conhecidos nas redes dos demais membros:

Elas+ Doar para Transformar, fundo de justiça social e ambiental, feminista e antirracista, que há mais de 20 anos investe no fortalecimento de organizações e grupos liderados por mulheres cis, trans e outras transidentidades. Desde a sua criação já doou R\$ 40 milhões..

ISPN (Instituto Sociedade População e Natureza), atua junto a comunidades do Cerrado, Caatinga e Amazônia, buscando contribuir para o fortalecimento de meios de vida sustentáveis e de adaptação às mudanças do clima, apoiando povos e comunidades tradicionais e agricultores familiares. Desde a sua criação já doou R\$ 126 milhões.

Fundo Positivo, mobiliza recursos de diversas fontes para doar a organizações da sociedade civil em todo o território nacional, com foco no enfrentamento das desigualdades em saúde. Desde a sua criação já doou R\$ 16 milhões.





ICS (Instituto Clima e Sociedade), atua também doando recursos para apoiar povos e comunidades tradicionais, população amazônica urbana e população negra no sentido de fortalecer sua atuação como agentes de mudança para protagonizar a transição justa para uma economia de baixo carbono. Desde a sua criação já doou R\$ 351 milhões.

BrazilFoundation, atua conectando pessoas e instituições a organizações da sociedade civil capazes de promover resultados transformadores a uma rede global de apoio que promove equidade, justiça socioambiental e oportunidades no país.



The background is a solid blue color with several overlapping, thin white circles of varying sizes and positions, creating a dynamic, abstract pattern. The text is centered and written in a white, sans-serif font.

5. como a
filantropia
internacional
e o isp podem
fortalecer a
filantropia
comunitária
no brasil?

Um dos grandes gargalos e desafios para fortalecer essa agenda diz respeito ao financiamento, já que ainda são poucas as organizações filantrópicas e do ISP que apoiam o campo da filantropia comunitária e independente.

Em linhas gerais, são as organizações internacionais as que mais doam recursos para esse campo. De fato, o mapeamento de organizações independentes doadoras realizado pela Comuá indica que a maior parte dos recursos mobilizados são oriundos da filantropia internacional (aproximadamente 70% do total). Entretanto, mesmo no caso dos recursos internacionais, ainda existem muitas barreiras e limitações.

A pesquisa [Falta de Confiança: A preocupante “escassez” de financiamento direto e flexível para os direitos humanos no Sul e Leste globais](#), desenvolvida pela HRFN (Human Rights Funders Network – Rede de Financiadores de Direitos Humanos, em tradução livre) indica que apenas 12% dos recursos filantrópicos destinados aos direitos humanos oriundos do Norte Global chegam para o Sul e Leste Globais.

Se bem existe um conjunto de financiadores da filantropia internacional (alguns deles com representações no Brasil) que apoia fundos independentes e comunitários e as agendas de justiça socioambiental¹⁸, é possível afirmar que algumas práticas de doação não estão alinhadas com os princípios da filantropia comunitária.

A instalação de fundos comunitários criados de cima para baixo por meio de investimento de grandes volu-

¹⁸ IAF, GFCF, Porticus, Fundação Ford, CLUA, OAK, OSF, Luminare, Imaginable Futures, Co-Impact são algumas delas.

mes de recursos para movimentos e/ou grupos, muitos deles com pouca *expertise* no campo da filantropia, nas práticas de *grantmaking* e na capacidade de gestão institucional e financeira, é uma das tendências observadas recentemente no campo.

Em muitas ocasiões, essa forma de investimento, em lugar de resolver os problemas sociais que busca enfrentar, cria problemas de sustentabilidade política e econômica para esses fundos, situação que também impacta o campo da filantropia independente e comunitária, colocando em xeque a sua capacidade de atuação, instalando conseqüentemente uma sensação de desconfiança.

É possível também observar que, mesmo que ainda de forma incipiente, algumas organizações do ISP (com destaque para a filantropia familiar) estão apoiando organizações que atuam no campo da filantropia independente e comunitária, tais como as que se encontram citadas abaixo, de modo não exaustivo:

- » [Instituto ACP](#) – apoia o fortalecimento institucional de organizações territoriais, dentre elas o Instituto Baixada Maranhense, Redes da Maré e Tabôa – Fortalecimento Comunitário.

- » [Movimento Bem Maior](#) – busca potencializar o desenvolvimento de organizações sociais que atuam em causas e territórios diversos, mobilizando recursos e articulando redes em iniciativas que ajudam a desenvolver estrategicamente o campo e a catalisar o trabalho das organizações sociais.

- » [Instituto Unibanco](#) – por meio de uma parceria inédita com o Fundo Elas+ Doar para Transformar, a Fundação Carlos Chagas e ONU Mulheres, desenvolveu o [Programa Elas nas Exatas](#), com ações voltadas à inserção de meninas nas áreas de ciências tecnológicas e exatas por meio da promoção da equidade de gênero e do reconhecimento da escola como um espaço estratégico na promoção dessa transformação.

- » [Instituto Ibirapitanga](#) – por meio das linhas de equidade racial e sistemas alimentares, promove doações para organizações da sociedade civil como Podáli – Fundo Indígena da Amazônia Brasileira, Instituto Procomum, Casa Fluminense, Tabôa Fortalecimento Comunitário, Fundo Aqbara, Fundo Brasil, Fundo Elas+, Fundo Baobá, dentre outros.

- » [Instituto Arapyaú](#) – por sua ação de fortalecimento ao desenvolvimento territorial no sul da Bahia, esteve envolvido na criação da Tabôa – Fortalecimento Comunitário, organização membro da Rede Comuá. Desenvolve e apoia ações territoriais no sul da Bahia e na Amazônia Legal.

- » [Fundação Jose Luiz Egydio Setúbal](#) – atua com uma estratégia direcionada a advocacy e colabora com os setores público e privado, além de apoiar organizações da sociedade civil, alocando recursos por meio de doações, cofinanciamento e desenvolvimento de iniciativas próprias.

O primeiro passo para fortalecer a filantropia comunitária é se propor a desenvolver ações de *grantmaking* com a finalidade de apoiar organizações e iniciativas da sociedade civil – de forma direta e/ou através dos fundos locais independentes – na chave do entendimento de que são elas que melhor entendem como usar bem os recursos para gerar transformações sociais em seus territórios. Ser apoiadas em seu fortalecimento institucional é fundamental para essas agendas.

A adoção de práticas de filantropia comunitária implica uma mudança radical na visão e formas de atuação das organizações filantrópicas. Apoiar as iniciativas presentes no campo e criar parcerias com os fundos da filantropia independente, fomentando seu desenvolvimento institucional ou a criação de linhas de apoio específicas, são formas de dar início a um processo de transformação nos modos de doação.



6. referências

- » [Transforma – hub de conteúdo da Rede Comuá](#)
Reúne sistematização de práticas por meio de publicações, podcasts, vídeos e diversos conteúdos sobre filantropia comunitária e de justiça socioambiental a partir da atuação de suas organizações membro, parceiros e apoiadores.

- » [Blog da Rede Comuá](#)
Espaço dedicado à reflexão sobre as práticas da filantropia comunitária e de justiça socioambiental, reunindo pontos de vista de múltiplas organizações e pessoas que atuam com essas agendas.

- » [Mapeamento de Organizações Independentes Doadoras para a sociedade civil nas áreas de justiça socioambiental e desenvolvimento comunitário no Brasil](#)
Levantamento inédito de organizações que demonstram que esse modo de fazer filantropia é forte e presente no país, e pode ser tomado como um movimento que busca mudar relações de poder ao apoiar os direitos humanos e a justiça socioambiental junto a organizações de base.

- » [Revista Plurais: Vozes, saberes e práticas da filantropia comunitária e de justiça socioambiental](#)
Publicação da Rede Comuá que busca dar espaço à diversidade no campo, refletindo claramente a existência de filantropias, no plural, por meio de reflexões sobre transformação de realidades, saberes e decolonialidade.

- » [Global Fund for Community Foundations](#)
Organização focada exclusivamente no crescimento da filantropia comunitária a nível mundial como um pilar central do desenvolvimento liderado pelas pessoas. Disponibiliza conhecimento a partir de debates e práticas realizados em diferentes partes do mundo.

- » [#ShiftThePower Tree House](#)
Espaço dedicado a destacar boas práticas e debates sobre filantropia comunitária e de justiça socioambiental.

- » [Transform Philanthropy](#)
Esforço colaborativo liderado pela Rede WINGS para reunir princípios, recursos e histórias de todo o mundo e construir um movimento para transformar a filantropia. Traz estudos de caso que destacam as melhores práticas, ideias e reflexões para encorajar o desenvolvimento de capacidades, colaboração e apoio.

- » [Inter-American Foundation \(IAF\)](#)
Reúne notícias e histórias relacionadas às doações realizadas para grupos e organizações da sociedade civil

ficha técnica

filantropia comunitária no brasil: princípios, práticas e experiências

Coordenação geral: **Graciela Hopstein***

Conteúdo: **ponteAponte**
Graciela Hopstein
Mônica C. Ribeiro

Revisão: **Mônica C. Ribeiro**

Projeto gráfico e diagramação: **Luciano Schinke**

*Durante a realização da pesquisa, Graciela Hopstein era
Diretora Executiva na Rede Comuá

realização

comuá rede comuá
filantropia que
transforma

apoio



rede comuá

equipe executiva

Jonathas Azevedo

Diretor executivo

Mica Peres

Coordenadora de operações

Mônica C. Ribeiro

Coordenadora de
comunicação

Wanda Alves

Assistente de operações e
finanças

Yasmin Morais

Assessora de programas

conselho de governança

Ana Valéria Araújo

Diretora Executiva do
Fundo Brasil

Giovanni Harvey

Diretor Executivo do Fundo
Baobá para Equidade Racial

Larissa Amorim

Coordenadora Executiva
da Casa Fluminense

Roberto Vilela

Diretor Executivo da Tabôa –
Fortalecimento Comunitário

conselho fiscal

Gislene Aniceto

Gerente Geral do Fundo Brasil

Hebe da Silva

Coordenadora Administrativa
e Financeira do Fundo
Baobá para Equidade Racial

membros





comuá rede comuá
filantropia que
transforma

